

Ficção Científica portuguesa e brasileira

Francisco Topa

A publicação de *O Atlântico Tem Duas Margens — Antologia da Novíssima Ficção Científica Portuguesa e Brasileira*, selecção, introdução e notas de José Manuel Morais, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, constituiu um acontecimento importante, pela aposta que representou em relação a duas literaturas de ficção científica exteriores ao mundo anglo-saxónico — a que se mantêm atentas, mas de que procuram afastar-se —, ainda por cima através de representantes que, em alguns casos, não passaram ainda a prova de fogo do contacto com o grande público e com a crítica. Admitindo embora que a situação brasileira seja um pouco diferente, a verdade é que não há ainda em Portugal uma verdadeira tradição de ficção científica. Esta — como há alguns anos escreveu, talvez com amargura excessiva, João Barreiros — «persiste, ainda hoje, num 'ghetto' feito de indiferença e ignorância, onde os livros publicados terão de ser pequenos, baratos, medíocres, mal traduzidos, destinados a serem revendidos aos alfarrabistas mal sejam lidos (pois quem se atreve a tê-los, à vista das visitas, nas prateleiras das estantes?)» (*Público*, 30/12/91). Condenada ao estatuto de forma marginal, empurrada para a periferia do sistema literário, rodeada de preconceitos, a ficção científica está vedada aos não — entusiastas, o que faz dela — pelo menos nos países periféricos — um mundo fechado e

conservador, pouco disposto a admitir novas linguagens ou a abrir espaço para a emergência de uma expressão nacional.

Não obstante essas dificuldades, tem vindo a impor-se ao longo da última década uma nova geração da ficção científica portuguesa — com nomes como João Aniceto, Isabel Cristina Pires, Daniel Tércio ou Luís Filipe Silva (estes dois últimos incluídos na antologia em apreço) —, para o que muito tem contribuído a instituição pela Editorial Caminho de um prémio bi-anual destinado a galardoar um original português nesta área. Esta antologia parece vir assim no momento certo, já que algum público português (e também alguma crítica) começa a despertar lentamente para este novo panorama, podendo acontecer que o contacto com a ficção científica brasileira — da qual, nos últimos anos, apenas recebemos *A Espinha Dorsal da Memória*, de Braulio Tavares — represente um contributo importante para a sua consolidação.

O primeiro comentário que a antologia suscita tem a ver com o risco que o organizador decidiu correr ao relativizar a questão de se saber o que seja a ficção científica. Na introdução, José Manuel Morais faz depender o problema da recepção: «a ficção científica poderá com vantagem ser entendida como tudo aquilo que é publicado sob o rótulo de ficção científica, ou o que, mesmo contra a vontade dos autores — pobre Kurt

Vonnegut! —, os livreiros arrumam nas prateleiras destinadas ao género. Os leitores saberão fazer a selecção». Ainda que não seja este o espaço próprio para a discussão de assunto tão complexo, não deixaremos de observar que esta é uma posição demasiado simplista e perigosa que pode conduzir à diluição de uma área a que — não certamente por acaso — se continua a dar o nome de ficção científica. No caso concreto da antologia, as consequências estão bem à vista: um bom número de textos dificilmente poderá ser considerado no âmbito da ficção científica, seja pela escassa importância concedida à vertente científica, seja pelo relevo com que se apresentam elementos característicos de outras áreas ficcionais, casos do fantástico ou do maravilhoso. A título de exemplo, refira-se «Primeiro Amor», do próprio José Manuel Morais, consagrado à discussão teológica do sexo dos anjos, para a resolução decisiva da qual uma noviça busca atrair um deles para o contacto carnal; ou «A Capilomante», do brasileiro José Carlos Neves, em que se dá conta do súbito enriquecimento de uma viúva, graças à descoberta — feita a partir de um fio de cabelo do falecido, encontrado pela misteriosa empregada Flosina — de uma conta bancária com muito dinheiro (congelado durante algum tempo pelo plano Collor); ou ainda «Eu, Alienígena», de Daniel Tércio, um conto com claras ligações a *A Metamorfose*, de Kafka, ainda que opte por um trajecto mais acentuadamente lírico e privilegie até certa altura o debate do problema da identidade, em termos que fazem lembrar «O Espelho» (o de Machado de Assis e, sobretudo, o de Guimarães Rosa). Quanto aos restantes textos (em que se conta um poema — «Instante Zero», do português João Paulo Cotrim), o primeiro aspecto a notar tem a ver com uma tendência que a ficção científica das décadas mais recentes procura evitar: o tratamento pouco distanciado da realidade actual, através da projecção, num futuro não precisado, de um mundo que apenas se diferencia do nosso pelo agravamento de determinadas tendências negativas e pelo avanço tecnológico (sobretudo na vertente bélica). Embora esta tendência se

articule com a corrente derivada da faceta filosófico-política da obra de H. G. Wells, ocorre uma forma mais imediata de empenhamento, dirigida ao *aqui e agora* do próprio escritor, numa utilização um tanto limitada do futuro — ainda por cima um futuro sem grande autonomia nem consistência — como ponto de partida para o (re)conhecimento do presente, *este presente*.

Isto mesmo pode ser observado na bem conseguida novela do brasileiro Ivanir Calado, «O Altar dos Nossos Corações», cujo humor crítico se começa a desenhar a partir do próprio título, retirado de um dos versos do hino do Rio de Janeiro. A intriga, dominada pelo tema da corrupção política e da violência urbana, decorre justamente na *cidade maravilhosa*, agora dividida em duas partes — a dos ricos e a dos pobres —, separadas por um muro. O governador combina o seu próprio sequestro com o terrível Comando Vermelho — «velho de décadas e senhor de vida e morte» —, repartindo com este a fabulosa verba do resgate (maioritariamente proveniente de doações particulares), o que lhe permite financiar a sua campanha e vencer facilmente as eleições seguintes. Aproveitando o período de «cativo», submete-se a uma intervenção cirúrgica destinada à implantação de um estimulador neuroerótico. Acontece porém que o estimulador continha plutónio e podia ser accionado através de um controlo remoto, o que coloca o Governador à mercê do Comando Vermelho. O texto termina com a sugestão de que a próxima vítima poderia ser o inquilino do palácio de Brasília...

A mesma tendência está presente no texto de Luís Filipe Silva, «O Mundo Distante» — um conto muito afastado do universo da ficção científica, que aborda o conhecido tema da íntima ligação entre família e empresa no Japão —, e também na novela do brasileiro Gerson Lodi-Ribeiro, «A Ética da Traição», que apresenta um interessante exemplo da chamada história alternativa, a que serve de base a campanha do Paraguai.

«Os *Minino* da Noite», do português José de Barros, actualiza ainda essa mesma linha. Num relato contido, eficazmente dividido em três partes e com recurso a uma linguagem precisa

que suporta um narrador de 3.^a pessoa frio mas isento, este conto apresenta-nos uma ilustração do pesadelo que poderá advir da tendência para o fechamento da Europa comunitária, impulsionado pelos acordos de Schengen. Em Lisboa, Ricardo — operacional do Partido Radical da Unificação Lusa — dedica-se ao extermínio dos «*minino da noite*», crianças vadias que tinham conseguido escapar dos campos prisionais para onde eram levados os imigrantes africanos e asiáticos antes da expulsão final ou que tinham sido deixadas ficar pelos pais, por incúria ou vingança; crianças em fuga permanente, expostas a todo o tipo de ameaças, vivendo nos sítios mais impossíveis, transformadas em autênticos animais.

Para além destes, encontramos também textos mais próximos do padrão habitual da ficção científica, como é o caso das novelas de João Barreiros, «A verdadeira invasão dos marcianos» — interessante versão de *A Guerra dos Mundos*, de Wells — e de João de Mancellos, «Olhos Roxos, Coração de Chuva». Esta última — jogando entre a antecipação e o onírico — dá-nos conta da vida de um grupo de adolescentes a bordo de uma nave pouco comum, dado que reproduz com alguma fidelidade as condições de vida na Terra: o sol, a lua, as estações, a vegetação, as casas, a escola. Enfrentando — clandestinamente — a política em

vigor, que procurava fazer esquecer por completo a Terra, os protagonistas dedicam as suas noites ao visionamento de imagens dos seus antepassados. O narrador consegue captar com rara sensibilidade o prazer da descoberta de coisas como o mar, a neve, as montanhas, ou ainda de um filme como *Gandhi*.

E é precisamente o desejo de compreender a chuva que passa, a partir daí, a comandar a intriga. Lentamente, passam de uma primeira definição em que a dão como «um duche grande ou um repuxo, pendurado não sei onde. Alguém o deve abrir como o jardineiro da Zona Três» (p. 17), para a compreensão do fenómeno da condensação. O passo final é o contacto directo, que só poderia ocorrer em O Lugar, onde «nada é proibido. Nem mesmo o sonho que cada noite bate à tua porta» (p. 22). Esta maneira tocantemente humilde de nos dizer que um futuro racionalmente perfeito não é sinónimo de felicidade, sobretudo quando não deixa espaço suficiente para a natureza, ou a beleza de imagens como «E até a neblina suave de verdura» (p. 11), podem facilmente abrir uma das portas que dão acesso à compreensão de que a ficção científica também pode ser uma sábia combinação entre a poesia épica e a poesia lírica e de que, em qualquer caso, não há nada de essencial da literatura canónica que lhe seja estranho.

